



## As mulheres guerreiras da Amazônia: um estudo histórico


The warlike women of the Amazon: a historical study

**Richard Spruce**

Tradução de:

**Sinara de Oliveira Branco**

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande, Paraíba, Brasil  
sinarabranco@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2739-2254> 

**Marília Bezerra Cacho**

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande, Paraíba, Brasil  
marilia.cacho@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-5594-3536> 

### CHAPTER XXVI

#### THE WARLIKE WOMEN OF THE AMAZON: A HISTORICAL STUDY

[THIS essay was written by Spruce as an appendix to his chapter on the Trombetas river, near the mouth of which the early discoverers first encountered the fighting women. But as the evidence adduced by Spruce for their existence is spread over a large part of Amazonia, it seems better to give it here. By doing so I have been enabled to divide the present work into two volumes of nearly equal size, each dealing with a well-defined geographical area.]

### CAPÍTULO XXVI

#### AS MULHERES GUERREIRAS DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO HISTÓRICO

[ESTE ensaio foi escrito por Spruce como apêndice para o seu capítulo sobre o rio Trombetas, próximo à foz onde os primeiros desbravadores encontraram as mulheres guerreiras. Entretanto, a evidência exposta por Spruce para a existência dessas mulheres está espalhada por uma grande parte da Amazônia e parece melhor apresentá-la aqui. Fazendo isso, foi-me permitido dividir este trabalho em dois volumes de tamanhos aproximados, cada um tratando de uma área geográfica bem definida.]

I cannot dismiss the Trombetas without saying a few words about the warlike women whom Orellana affirmed that he encountered on his voyage down the Great River, the site of the encounter having been identified by subsequent travellers with the mouth either of the Trombetas or of the Nhamundá (called also the Cunurís), which is the next tributary of the Amazon to westward. It is of little moment to which river we assign it, when (according to Baena) the Nhamundá has two mouths, 14 leagues apart, and the lower mouth is but 6 leagues above the mouth of the Trombetas. That it was at no great distance above the mouth of the Tapajos is plain from Orellana's account that, two or three days after his fight with the "Amazons," he came to a pleasant country where there were Evergreen-oaks and Cork-trees (Alcornoques), the latter, as we have already seen, being the name the Spaniards still give to *Curatella americana*, and the former indicating probably the *Plumieria phagedænica*. (See vol. i. p. 67.) The country around Santarem is the only one which corresponds to this description throughout the whole course of the Amazon.

Orellana has been much ridiculed and called all sorts of hard names by people who have never taken the trouble to read his original Report to the Emperor Charles V., or the account of the voyage drawn up by F. Caspar Carbajal, a Dominican friar who accompanied him. The voyagers heard rumours of the existence of the Amazons long before reaching them. Even before getting out of the Napo into the main river, we read that an Indian chief informed Friar Carbajal about the Amazons; and two hundred

Eu não posso me despedir do Trombetas sem dizer algumas palavras sobre as mulheres guerreiras, as quais Orellana afirmou ter encontrado em sua viagem pelo Grande Rio, o local do encontro tendo sido identificado por viajantes posteriores tanto na foz do Trombetas quanto do Nhamundá (também chamado de Cunurís), o próximo afluente da Amazônia ao oeste. É de pouca importância a que rio atribuímos o encontro, já que (de acordo com Baena) o Nhamundá tem duas fozes, com 14 léguas<sup>1</sup> de diferença entre elas, e a foz inferior está apenas 6 léguas acima da foz do rio Trombetas. Fica claro no relato de Orellana que essa não era uma grande distância acima da foz do Tapajós, e que dois ou três dias após a sua luta com as "amazonas", ele chegou a uma região agradável onde havia carvalhos perenes e sobreiros (alcornoques), o último sendo, como vimos anteriormente, o nome que os espanhóis ainda dão à *Curatella americana*, e o primeiro indicando provavelmente a *Plumieria phagedænica*. (Ver vol. i. p. 67.) O lugar nos arredores de Santarém é o único que corresponde à descrição por todo o curso do rio Amazonas.

Orellana é bastante ridicularizado e xingado por quem jamais se deu ao trabalho de ler seu Relatório original endereçado ao Imperador Charles V, ou o relato da viagem elaborado pelo Fr. Caspar Carbajal, um frade dominicano que o acompanhava. Os viajantes ouviram rumores da existência das amazonas tempos antes de chegarem a elas. Antes mesmo de saírem de Napo e chegarem ao rio principal, lemos que um chefe indígena informou o frade Carbajal sobre as amazonas; e duzentas léguas abaixo da foz

<sup>1</sup> (N.T.) Aproximadamente 67,5 km.

leagues below the mouth of that river, in the village where they built their brigantine, the friendly chief Aparia inquired of Orellana if he had seen the Amazons, whom in his language they called Coniapuyara (masterful women?). And when they actually encountered the real (or supposed) Amazons, what is their account of what befell them? That having landed at a place to traffic with the Indians, the latter attacked Orellana's party and fought bravely and obstinately. That ten or twelve women fought in front of the Indians, and with such vigour that the Indians did not dare to turn their backs. "These women appeared to be very tall, robust, and fair, with long hair twisted over their heads, skins round their loins, and bows and arrows in their hands, with which they killed seven or eight Spaniards." This is all that they profess to have seen with their own eyes of those warlike women; and, as Herrera remarks on it, "it was no new thing in the Indies for women to fight, and to use bows and arrows, as has been seen on some of the Windward Islands and at Cartagena, where they displayed as much courage as the men."

In the account of the return of Columbus from his second voyage we read that when he arrived at Guadeloupe (having started from Hispaniola), numbers of women, armed with bows and arrows, opposed the landing of his men. This is one instance, of many such, recounted by the Spanish historians.

daquele rio, na aldeia onde eles construíram o bergantim<sup>2</sup> deles, o chefe amistoso Aparia questionou Orellana se ele tinha visto as amazonas, que eles chamavam de Coniapuyara (mulheres magistrais?). E quando de fato encontraram as verdadeiras (ou supostas) amazonas, qual o relato deles sobre o que lhes aconteceu? Que ao desembarcarem em local de tráfico com os índios<sup>3</sup>, elas atacaram o grupo de Orellana e lutaram brava e obstinadamente. Que dez ou doze mulheres lutaram na frente dos índios e com tamanho vigor que os indígenas não se atreveram a dar as costas. "Essas mulheres pareciam muito altas, robustas e de pele clara, com os cabelos enrolados sobre a cabeça, peles em volta dos quadris e arcos e flechas nas mãos, com as quais mataram sete ou oito espanhóis." Isso é tudo que eles afirmam terem visto com os próprios olhos daquelas mulheres guerreiras; e como Herrera comenta sobre o assunto, "não era novidade nas Índias que as mulheres lutassem e usassem arco e flecha, como já visto em algumas ilhas de Barlavento e em Cartagena, onde elas demonstram tanta coragem quanto os homens."

No relato do retorno de Colombo de sua segunda viagem, lemos que ele chegou a Guadalupe (tendo iniciado em Hispaniola), inúmeras mulheres armadas com arcos e flechas, se opuseram ao desembarque de seus homens. Isso é um exemplo, de muitos, recontados pelos historiadores espanhóis.

<sup>2</sup> (N.T.) Pode designar dois tipos de embarcações: uma embarcação antiga, a remo, esguia e de convés corrido; ou um veleiro armado com dois mastros com velas latinas triangulares. (Fonte: Dicionário Houaiss *online*. Acesso em: 12 de janeiro de 2024)

<sup>3</sup> (N.T.) Apesar de considerarmos o termo "índio" inadequado para a atualidade, por questões sócio-históricas, optamos por utilizá-lo na tradução do texto de Spruce por coerência ao contexto linguístico-histórico. Para uma discussão mais aprofundada a respeito das escolhas tradutórias, indicamos a leitura do comentário da tradução intitulado "*Do relato à tradução comentada: As mulheres guerreiras da Amazônia do início do séc. XX*".

I have myself seen that Indian women can fight. At the village of Chasuta, on the malos pasos of the river Huallaga, which in 1855 had a population of some 1800 souls, composed of two tribes of Coscanasoa Indians, the ancient rivalry of those tribes generally breaks forth when a large quantity of chicha has been imbibed during the celebration of one of their feasts. Then, on opposite sides of the village, the women pile up heaps of stones, to serve as missiles for the men, and renew them continually as they are being expended. If, as sometimes happens, the men are driven back to and beyond their piles of stones, the women defend the latter obstinately, and generally hold them until the men are able to rally to the combat. At that epoch there was no permanent white resident at Chasuta, and travellers who were so unfortunate as to be detained there during one of these fights were glad to keep themselves shut up until the stony storm had abated; and with reason, for there had been two instances, within a few years, of a white man being barbarously murdered by the Indians of Chasuta.

There is, therefore, no necessity for supposing that the Spaniards mistook men for women, either, according to the Abbé Raynal, because they were beardless, or, according to Wallace, because they were long-haired; for (1) American savages are generally beardless; and (2) the Spaniards had been for two whole years among Indians who wore their hair long, as they do to this day throughout the forest of Canelos, the scene of Orellana's wanderings with Gonzalo Pizarro; nay, the principal tribe among them, afterwards preached to by the most famous of the Quito missionaries and martyrs,

Eu mesmo vi que mulheres indígenas sabem lutar. Na aldeia de Chasuta, nos *malos pasos* do rio Huallaga, que, em 1855, tinha uma população de 1.800 almas, composta por duas tribos de índios Coscanasoa, a antigas rivalidades dessas tribos geralmente surge quando uma grande quantidade de chicha<sup>4</sup> é ingerida durante uma celebração de uma de suas festas. Assim, em lados opostos da aldeia, as mulheres empilham montes de pedras para servirem de mísseis aos homens, e elas repõem as pedras continuamente a medida em que vão sendo usadas. Se, como às vezes acontece, os homens são empurrados de volta para suas pilhas de pedras, as mulheres os defendem obstinadamente e, normalmente, e os apoiam até que eles estejam prontos para o combate. Naquela época não havia residente branco permanente em Chasuta, e os viajantes que tinham a infelicidade de serem detidos lá durante uma dessas lutas se davam por satisfeitos por ficarem em silêncio até o fim da tempestade de pedras; e com razão, pois houve dois casos, em um curto espaço, de um homem branco ser barbaramente assassinado por índios de Chasuta.

Não há, portanto, qualquer necessidade para supor que os espanhóis confundiram homens por mulheres, ou, de acordo com Abbé Raynal, pelo fato deles não terem barba, ou, de acordo com Wallace, pelo fato deles terem cabelos longos; pois (1) selvagens americanos geralmente não têm barba; e (2) os espanhóis ficaram por dois anos inteiros com índios que tinham cabelos longos, como fazem até os dias de hoje ao longo da floresta de Canelos, cenário das andanças de Orellana com Gonzalo Pizarro; ou melhor, a tribo principal dentre eles, posteriormente proclamada pelo mais famoso missionário e

<sup>4</sup> (N.T.) Uma bebida alcoólica, originalmente da América do Sul e Central, obtida a partir da fermentação do milho, frutas fermentadas ou mandioca fermentada, mel e água. (Fonte: Dicionário Houaiss *online*. Acesso em: 12 de janeiro de 2024)

F. Rafael Ferrer, were so notorious for the length to which they allowed their hair to grow as to have got the name of Encabellados. Moreover, on the Amazon itself, at the village of the chief Aparia, we read that “at this time four tall Indians came to the captain, dressed and adorned with ornaments, and with their hair reaching down to the waist.”

As to the account given to Orellana by an Indian whom he captured some way farther down the river, about the whole country being subject to warlike women who were very rich in gold and silver, and had five houses of the sun plated with gold, while their own dwellings were of stone and their cities were fortified, Orellana merely repeats it as it was told to him, evidently, however, believing it himself; nor ought we to accuse him of credulity when we call to mind that he had lately left in Peru a reality in some respects more wondrous than this report. Herrera remarks very judiciously on it: “The tales of Indians are always doubtful, and Orellana confessed he did not understand those Indians, so that it seems he could hardly have made, in so few days, a vocabulary correct and copious enough to enable him to comprehend the minute details given by this Indian.” I may add, too, that the Spaniards would probably ask as they went along for gold under its Peruvian name of cúri, and as curí (with merely a difference in the accent) is the Tupí term for coloured earth, it is not surprising that they should have received constant assurances of its abundance throughout the Amazon.

mártir de Quito, Fr. Rafael Ferrer, era famosa pelo comprimento que eles deixavam seus cabelos crescerem, ao ponto de serem chamados de Encabellados. Além disso, no Amazonas, na vila do chefe Aparia, nós lemos que “nesse tempo, quatro índios altos vieram ao capitão, vestidos e adornados com ornamentos, e com os cabelos batendo na cintura.”

Com relação ao relato feito a Orellana por um índio, que ele capturou mais adiante no rio, sobre todo o local estar sob domínio das mulheres guerreiras que eram muito ricas de ouro e prata, e tinham cinco casas do sol revestidas de ouro, enquanto suas habitações eram feitas de pedra e suas cidades eram fortificadas, Orellana meramente repete isso como lhe foi contado, evidentemente, entretanto, ele mesmo acreditando; nós não devemos acusá-lo de credulidade quando nos lembramos que ele havia, recentemente, deixado uma realidade no Peru em alguns aspectos mais maravilhosa do que este relato. Herrera comenta muito criteriosamente sobre isso: “As histórias dos índios sempre são duvidosas, e Orellana admitiu que não compreendia os índios, de forma que parece que ele dificilmente teria construído, em tão poucos dias, um vocabulário correto e rico o suficiente para capacitá-lo a compreender os mínimos detalhes dados pelos índios.” Posso acrescentar que os espanhóis provavelmente perguntariam, enquanto procuravam por ouro, sob o nome peruano de cúri, e como cúri (com a mera diferença de pronúncia) é o termo tupi para terra colorida, não é de surpreender que tenham recebido garantias constantes de sua abundância por toda a Amazônia.

It is worthy to be noted that F. Carbajal, although he has left on record his dissatisfaction with the conduct of Orellana, confirms instead of contradicting the account of the combat with the Amazons, having, in fact, been himself one of the wounded in it. Besides, as is well remarked by Velasco (*Historia de Quito*, i. 167), “he (Orellana) did not go alone to the court, but with fifty companions, many of them so disgusted with his conduct that they refused to accompany him on his return. He was giving information to his sovereign, who might utterly ruin him if he detected him in a falsehood, and it ought to have been easy to detect him, with so many witnesses unfavourably disposed towards him. Besides, it is incredible that fifty persons, and amongst them a religious priest, should agree in guaranteeing the truth of a lie, especially when nothing was to be gained by it.”

We have also a very good and independent account of this voyage from Gonzalo Fernandez de Oviedo, who was in the Island of St. Domingo when Orellano touched there on his way to Spain, in the ship he had purchased in the Isle of Trinidad. Oviedo relates what he was told by Orellana’s companions, and it corresponds in all essential points with the navigator’s own narrative; with the important addition that the women fought naked to the waist, and that they had not one of the breasts cut off, like the Asiatic Amazons a question Oviedo had particularly asked of the Spaniards.

The little I had read before leaving England about the existence of a nation of women living apart from men, somewhere in the interior of South America, threw ridicule on the notion, and attributed its origin to lying Spanish

Vale a pena mencionar que Fr. Carbajal, apesar de ter deixado registrada a sua insatisfação com a conduta de Orellana, confirma e não contradiz o combate com as amazonas, tendo ele mesmo, de fato, sido um dos feridos no combate. Além disso, como também é bem observado por Velasco (*Historia de Quito*, i. 167), “ele (Orellana) não foi sozinho a julgamento, tendo sido acompanhado por cinquenta companheiros, muitos deles tão insatisfeitos com a sua conduta que se recusaram a acompanhá-lo em seu retorno. Ele estava dando informações ao seu soberano, que poderia arruiná-lo, caso detectasse qualquer falsidade, e teria sido fácil de detectar, com tantas testemunhas contrárias a ele. Além disso, é inacreditável que cinquenta pessoas, dentre elas um sacerdote religioso, concordassem em garantir que uma mentira fosse verdade, especialmente quando nada ganhariam com isso.”

Também temos um relato muito bom e independente dessa viagem de Gonzalo Fernandez de Oviedo, que estava na Ilha de São Domingo quando Orellano passou por lá, em seu caminho para a Espanha, no navio que ele havia comprado na Ilha de Trindade. Oviedo relata o que soube pelos companheiros de Orellana, correspondendo a pontos essenciais da narrativa do próprio navegador, com o importante acréscimo de que as mulheres lutaram nuas da cintura para cima, e que elas não tinham um dos seios amputados, como as amazonas asiáticas, pergunta que Oviedo tinha particularmente feito aos espanhóis.

O pouco que eu tinha lido antes de deixar a Inglaterra sobre a existência de uma nação de mulheres vivendo separadas de homens, em algum lugar no interior da América do Sul, ridicularizou a ideia, e atribuía sua origem aos

chroniclers, so that I confess to have not thought it worth while to make a single inquiry on the spot as to whether the tradition were still extant; but when I afterwards came to read carefully the relations of those authors who had bestowed most attention on the subject, I was surprised to find them all agreed on the tradition having been based on fact. I allude especially to Acuña, Feijoo, Condamine, Velasco, Southey, and Humboldt; but it is nowhere more fully discussed than in a small treatise by Van Heuvel entitled *El Dorado*, to which, and to the writings of the celebrated authors just mentioned, I must refer the reader.

The ways by which the country of those women might be reached, as related by travellers and missionaries, seem to converge not to one, but to two points; the one to northward of the Amazon, a good distance below the Rio Negro; the other to southward of it, above the Rio Negro, and somewhere between the rivers Coari and Teffé. In the very year of Orellana's encounter with the Amazons (1541), Cabeza de Vega headed an expedition which ascended the Plata and the Paraguay in search of gold. From the latter river he sent Hernando de Ribeiro ahead, in a brigantine, with fifty-two men, to explore the lake of Xarayes, a large tract of country periodically inundated, lying to eastward of what was afterwards the Province of Moxos. From the Xarayes Indians Ribeiro received information of the Amazons, whose country he was told lay two months' journey to the northward; and, disregarding the warning of the chief of the Xarayes, that it would be impracticable to traverse the forests at that season of floods, he and his party proceeded on foot for eight days, with the water up to their middle. This brought them to another nation, the Siberis; and a journey thence of nine days (the first four being still wading through the

cronistas espanhóis mentirosos, de modo que confesso não ter considerado válido investigar no local se a tradição existia; mas quando, tempos depois, li cuidadosamente relatos daqueles autores que tinham dado mais atenção ao tema, fiquei surpreso ao perceber que todos concordavam que a tradição estava baseada em fatos. Cito especialmente Acuña, Feijoo, Condamine, Velasco, Southey e Humboldt; mas não é mais profundamente discutido do que em um pequeno tratado de Van Heuvel intitulado *El Dorado*, para o qual e para os escritos dos autores celebrados que acabo de citar, devo encaminhar o leitor.

Os caminhos pelos quais a região dessas mulheres poderia ser alcançada, como relatado pelos viajantes e missionários, parecem convergir não para um, mas para dois pontos; um ao norte do rio Amazonas, uma boa distância abaixo do Rio Negro; o outro ao Sul, acima do Rio Negro, e em algum lugar entre os rios Coari e Teffé. No ano do encontro de Orellana com as amazonas (1541), Cabeza de Vega liderou uma expedição que subiu o rio Prata e o Paraguai em busca de ouro. Desse último rio ele enviou Hernando de Ribeiro a frente da expedição, em um bergantim com cinquenta e dois homens para explorar o lago de Xarayes, uma grande extensão de terra periodicamente inundada situada a leste do que posteriormente se tornaria a Província de Moxos. Dos índios Xarayes, Ribeiro recebeu informações sobre as amazonas, cujas terras, ele soube, ficavam a dois meses de jornada ao norte; e, desconsiderando a advertência do chefe dos Xarayes de que seria inviável atravessar as florestas na época de enchentes, ele e seu grupo seguiram a pé por oito dias, com a água batendo na cintura. Isso os levou até outro povo, o Siberis; e a jornada levou nove dias (os primeiros quatro dias ainda atravessando pela água) até o povo Urtueses, que lhes disseram que ainda

water) to the nation of Urtueses, who told them there was yet a month's journey to the Amazons, with much flooded ground to traverse. From this point they were compelled to regress by their provisions giving out; and the plantations of the Urtueses having been devastated for two successive years by some insect, no more food was to be had; but those Indians reiterated the assurance of the existence of a nation of women, governed by a woman, and possessing plenty of both white and yellow metal, their seats and utensils being made of them. They lived on the western (eastern?) side of a large lake, which they called the Mansion of the Sun, because the sun sank into it (Southey's *History of Brazil*, pp. 156-159).

Towards the close of the sixteenth century, F. Cyprian Bazarre, a Jesuit missionary to the Tapacura Indians (a tribe of Moxos), heard accounts similar to those related by Ribeiro, tending to place the Amazons in the country lying southward of the Great River and westward of the Purús, or very nearly where Condamine many years afterwards (in 1741) heard such circumstantial accounts of them. This traveller spoke at Coari with an Indian whose grandfather had met a party of those women at the mouth of the river Cuchinará (now the Purús). "Elles venoient de celle de Cayamé, qui débouche dans l'Amazone du côté du Sud entre Tefé et Coari; qu'il avoit parlé à quatre d'entr'elles, dont une avoit un enfant a la mamelle: il nous dit le nom; de chacune d'elles; il ajouta qu'en partant de Cuchinará elles traversèrent le Grand Fleuve, et prirent le chemin de la rivière Noire. . . . Plus bas que Coari, les Indiens nous dirent partout les mêmes choses avec quelques variétés dans les circonstances; mais tous furent d'accord sur le point principal." For many other details, tending

levariam um mês para chegar às amazonas, com ainda mais áreas inundadas a atravessar. A essa altura eles foram forçados a regressar, devido à pouca provisão e como as plantações dos Urtueses haviam sido devastadas por dois anos em sequência por alguma praga, não havia mais comida; mas aqueles índios reforçaram que o povoado das mulheres existia, governadas por uma mulher, possuindo muitos metais brancos e amarelos, com assentos e utensílios produzidos com esses metais. Elas viviam do lado oeste (leste?) de um grande lago, que elas chamavam de Mansão do Sol, porque o sol mergulhava nele (*History of Brazil*, de Southey, pp. 156-159).

No final do século XVI, Fr. Cyprian Bazarre, um missionário jesuíta para os índios tapacura (uma tribo de Moxos), ouviu relatos similares aos de Ribeiro, situando as amazonas na região ao sul do Grande Rio e a oeste do Purús, ou muito próximo de onde Condamine, muitos anos depois (em 1741), ouviu relatos circunstanciais sobre elas. O viajante falou de Coari com um índio cujo avô tinha conhecido um grupo daqueles homens na foz do rio Cuchinará (agora chamado de Purús). "Elles venoient de celle de Cayamé, qui débouche dans l'Amazone du côté du Sud entre Tefé et Coari; qu'il avoit parlé à quatre d'entr'elles, dont une avoit un enfant a la mamelle: il nous dit le nom; de chacune d'elles; il ajouta qu'en partant de Cuchinará elles traversèrent le Grand Fleuve, et prirent le chemin de la rivière Noire. . . . Plus bas que Coari, les Indiens nous dirent partout les mêmes choses avec quelques variétés dans les circonstances; mais tous furent d'accord sur le point principal." Por muitos outros detalhes, levando às mesmas conclusões, devo, mais uma vez, remeter o leitor ao original.

to the same conclusions, I must again refer the reader to the original.

The numerous missionaries on the Amazon during the seventeenth and eighteenth centuries all testify to the same traditions. It was no uncommon thing, they say, for Indians in confession to accuse themselves of having been of the number of those who were admitted to visit periodically the women living alone. Their testimony may be summed up in the words of an old Indian at San Regis de los Yameos (a village on the left bank of the Amazon above the mouth of the Ucayáli), as delivered to the priest F. Sancho Aranja, who was Condamine's host when he passed that way, and who afterwards repeated them to F. Velasco.

1. That respecting the first combat the Spaniards had had with the warlike women, there was no one in all the missions who did not know of it by tradition from father to son.

2. That he had heard his forefathers say those women had retired far into the interior, across the Rio Negro.

3. That, according to common report, they still existed, and that some Indians visited them every year, but not in their proper country; for the women always met the men at some place previously agreed on a long way from their homes (whose site the men were not permitted to know), and, after conversing with them as long as they listed, dismissed them with presents of gold and green stones, and of the male children that had been born and had reached the age of two or three years

Todos os numerosos missionários na Amazônia, durante os séculos XVII e XVIII, testemunham as mesmas tradições. Não era algo incomum, dizem eles, os índios em confissão acusarem a si mesmos de serem parte dos que admitiram visitar periodicamente as mulheres que viviam sozinhas. O depoimento deles pode ser resumido nas palavras de um velho índio de San Regis de los Yameos (uma vila localizada na margem esquerda do rio Amazonas acima da foz do Ucayáli), como transmitido ao padre Fr. Sancho Aranja, que era o anfitrião de Condamine quando ele passou por ali e que depois as repetiu para F. Velasco.

1. Que no primeiro combate dos espanhóis com as mulheres guerreiras, não houve qualquer um, em todas as missões, que não soubesse sobre o combate, graças à tradição de pai para filho

2. Que ouviu seus antepassados dizerem que aquelas mulheres tinham se retirado para o interior, do outro lado do Rio Negro.

3. Que, de acordo com relatório recorrente, elas ainda existiam e que alguns índios as visitavam todos os anos, mas não na região delas; pois as mulheres sempre encontravam os homens em algum lugar previamente acordado, longe de suas casas (cuja localidade os homens não eram autorizados a conhecer) e, depois de conversar com eles pelo tempo que elas determinassem, se despediam deles com presentes de ouro e pedras verdes, e as crianças nascidas do sexo masculino e que tinham atingido os dois ou três anos de idade.

4. That these women were always governed by one, chosen on account of her valour, and who always marched to battle at their head (Velasco, *loc. cit.* p. 173).

The green stones spoken of here and elsewhere – called also Amazon stones – were formerly met with among nearly all the Indians of Tropical America, but seem now to have totally disappeared from the Amazon. I, at least, never either saw or heard of one there in the hands of the Indians; nor is that to be wondered at when we recollect how eagerly they were at one time bought up by Europeans on account of their supposed medicinal virtues. At the beginning of the present century we learn from Humboldt that the price of a cylinder two inches long was from twelve to fifteen dollars in Spanish Guayana. He obtained a few of them from the dwellers on the Upper Rio Negro. According to Condamine they were once common articles on the site of the modern Santarem. “C’est chez les Topayos qu’on trouve aujourd’hui, plus aisément que partout ailleurs, de ces pierres vertes, connues sous le nom de Pierres des Amazones, dont on ignore l’origine, et qui ont été fort recherchées autrefois, à cause des vertus qu’on leur attribuoit de guérir de la Pierre, de la Colique néphrétique et de l’Épilepsie” (*Voyage*, p. 137). Even to this day their origin is doubtful, for it is said that no jade of the same kind as these stones has been found anywhere in South America, although it exists in Mexico. The notable thing: about them is that the o South American Indians in whose hands they have been seen by Europeans all agreed in asserting them to be obtained from the women

4. Que as mulheres eram sempre governadas por uma mulher, escolhida a depender de sua valentia e que sempre marchava liderando a batalha. (Velasco, *loc. cit.* p. 173).

As pedras verdes aqui mencionadas e em outros lugares, também chamadas de pedras amazônicas, antigamente eram encontradas entre quase todos os índios da América Tropical, mas parecem ter desaparecido completamente da Amazônia. Eu, pelo menos, nunca vi ou ouvi falar de uma nas mãos de um índio, nem é de se admirar quando lembramos de quão avidamente elas foram compradas pelos europeus, devidos às supostas virtudes medicinais delas. No início do século XIX, aprendemos com Humboldt que o preço de um cilindro de duas polegadas<sup>5</sup> de comprimento variava de doze a quinze dólares na Guiana Espanhola. Ele adquiriu alguns deles com os moradores do Alto do Rio Negro. De acordo com Condamine, os cilindros eram artigos comuns na localidade de Santarém moderna. “C’est chez les Topayos qu’on trouve aujourd’hui, plus aisément que partout ailleurs, de ces pierres vertes, connues sous le nom de Pierres des Amazones, dont on ignore l’origine, et qui ont été fort recherchées autrefois, à cause des vertus qu’on leur attribuoit de guérir de la Pierre, de la Colique néphrétique et de l’Épilepsie” (*Voyage*, p. 137). Até os dias atuais a origem delas é incerta, pois há rumores de que nenhuma pedra de jade do mesmo tipo foi encontrada em qualquer lugar na América do Sul, apesar de existir no México. O que é notável a respeito delas é que os índios da América do Sul, em cujas mãos elas foram vistas por europeus, todos concordaram em afirmar que elas as

<sup>5</sup> (N.T.) Aproximadamente 5,08 cm.

without husbands, or, on the Orinoco, from the women living alone (Aikeambenanos in the Tamanac language, according to F. Gili).

Velasco cites also a conversation he had with a friar, F. José Bahamonte, who had been for forty years a missionary on the Marañon, to the effect that, being in 1757 in the village of Pevas, shortly after the Portuguese garrison of the fort of the Rio Negro had mutinied against their commandant, “those deserters, having left the major nearly dead and pillaged the warehouses and the royal treasury, fled up the Marañon, and reached Pevas a few at a time. Some of them remained in the mission; others went on to Quito. With one of those parties there arrived at my village a very good-looking Indian of about sixty, inquiring for the nation of the Pevas and speaking their language, and yet not known to anybody there. After a while he came to me and besought me to hear in secret the motive of his coming thither. Having taken him apart, where we could be overheard of no one, he prostrated himself at my feet, and earnestly entreated me to receive him into my village and make him anew a Christian. I asked him if, being baptized, he had denied the Christian faith. He said no, but that, although he was already a Christian, he had always lived like a heathen.” The Indian then tells his story in full to the priest; how he was a Peva by birth, and had been baptized at the mission when young; but that, as he grew up, having taken a great dislike to the severe discipline of the mission, he had fled from it down the Amazon, and finally established himself in a village on the river Teffé. There he was recommended by an Indian to enter on the office of one lately deceased who used every year to visit the women without husbands. Having followed this employ for thirty years, and received from the women many presents of

obtiveram das mulheres sem marido ou, em Orinoco, das mulheres que vivem sozinhas (Aikeambenanos, na língua tamanac, de acordo com Fr. Gili).

Velasco também cita uma conversa que ele teve com um frade, Fr. José Bahamonte, que foi missionário por quarenta anos em Marañon, em razão de que, estando na vila de Pevas em 1757, pouco depois de a guarnição portuguesa do forte do Rio Negro ter se amotinado contra seu comandante, “aqueles desertores, após terem deixado o major quase morto e de terem saqueado os armazéns e o tesouro real, fugiram pelo rio Marañon e chegaram à Pevas em pequenos grupos por vez. Alguns deles permaneceram na missão; outros foram para Quito. Com um dos grupos, chegou à minha vila um índio muito bonito de aproximadamente sessenta anos, perguntando pelo povo de Pevas e falando a língua local, mas sem que ninguém de lá o conhecesse. Depois de um tempo ele veio a mim e implorou que eu ouvisse, secretamente, a razão de sua vinda. Afastando-o do grupo, onde não pudessem nos ouvir, ele se ajoelhou aos meus pés e implorou veementemente para recebê-lo na minha aldeia e torná-lo novamente um cristão. Perguntei-lhe se, sendo batizado, ele tinha negado a fé cristã. Ele respondeu que não, mas que, apesar de já ser cristão, ele tinha vivido sempre como um pagão.” O índio então contou a sua história por completo ao padre; como ele era um Peva de nascença, mas tinha sido batizado na missão quando jovem; mas que, enquanto crescia, tendo se aborrecido com a disciplina severa da missão, ele fugiu pelo rio Amazonas e finalmente se estabeleceu em uma vila no rio Teffé. Lá, ele foi recomendado por um índio para ocupar o cargo de um falecido há pouco tempo, que costumava visitar as mulheres sem marido todos os anos. Assumindo esse trabalho por trinta anos e tendo recebido muitos presentes e

gold and green stones, he was obliged to relinquish it on account of an injury he received, and also (as he asserted) by a remorseful conscience which continually tormented him. “The death of this Indian,” adds the good missionary, “a few months afterwards, having lived during that period a penitent and holy life, was one of the greatest consolations that befell me in the missions, for I felt convinced, from his good conduct, that he was predestinated” (Velasco, *loc. cit.* p. 175).

The accounts heard by Raleigh on the Orinoco, in 1595, of a nation of female warriors existing on the Amazon, seem to combine both the above-specified sites. “I made inquiry,” says he, “among the most ancient and travelled of the Orinokoponi [the Indian inhabitants of the Orinoco] respecting the warlike women, and will relate what I was informed of as truth about them, by a Cacique who said he had been on that river [the Amazon], and beyond it also. Their country is on the southside of the river, in the province of Tobago [Topayos], and their chief places are in the islands on the south side of it, some 60 leagues from the mouth. They accompany with men once in a year for a month, which is in April. . . . Children born of these alliances, if males, they send them to their fathers; if daughters, they take care of them and bring them up,”<sup>6</sup> etc. Another report he heard was that “there is a province in Guyana called Cunurís, which is governed by a Woman” – plainly a Cuñá-puyára. It is to be noted that these reports were heard near the mouth of the Orinoco, or some 2000 miles away from the supposed country of the Amazons, from Indians who had them from one another and not from the Spaniards; and that the Cunurís is for the first time indicated by name in this relation of

pedras verdes das mulheres, ele foi obrigado a renunciar, devido a um ferimento que sofreu e, também (como ele afirmou), pelo remorso que o atormentava. “A morte desse índio,” acrescenta o bom missionário, “poucos meses depois, tendo vivido em penitência e em sacramento, foi uma das grandes consolações que senti durante as missões, pois acreditei, por seu bom comportamento, que ele havia sido predestinado” (Velasco, *loc. cit.* p. 175).

Os relatos ouvidos por Raleigh no rio Orinoco, em 1595, sobre um povoado de mulheres guerreiras na Amazônia, eram semelhantes a ambos os locais citados anteriormente. “Eu questioneei”, diz ele, “entre os mais velhos e mais viajados dos Orinokoponis [os índios que viviam no Orinoco] sobre as mulheres guerreiras e relatarei o que fui informado como verdade sobre elas por um cacique sobre elas por um cacique disse que esteve no rio Amazonas e, também, além dele. A região delas fica na margem sul do rio, na província de Tobago [Topayos], e as principais localizações delas são as ilhas na margem sul, a sessenta léguas<sup>6</sup> da foz. Elas se acompanham de homens uma vez ao ano, por um mês, o mês de abril. . . . As crianças do sexo masculino nascidas dessas alianças são enviadas aos pais; as do sexo feminino são cuidadas e criadas pelas mulheres,”<sup>6</sup> etc. Outro relato ouvido foi que “há uma província em Guyana chamada Cunurís, que é governada por uma Mulher” – claramente uma Cuñá-Puyára. É importante notar que esses relatos foram ouvidos perto da foz do Orinoco, ou a aproximadamente 2.000 milhas<sup>7</sup> de distância da suposta região das amazonas, dos índios que iam passando uns para os outros e não dos espanhóis; e que os Cunurís são, pela primeira

<sup>6</sup> (N.T.) Aproximadamente 289 km.

<sup>7</sup> (N.T.) Aproximadamente 321 km.

Raleigh's. We have the most complete account of the river and district of Cunurís, and of the extant traditions respecting the Amazons, in Acuña's description of his voyage down the Amazon in 1639. He mentions four nations who inhabit on the river Cunurís, the Cunurís (Indians) being nearest the mouth, and the Guacarás the highest up; while beyond the last were the Amazons. "These manlike women," he says, "have their abodes in great forests and on lofty hills, amongst which that which rises above the rest, and is therefore beaten by the winds for its pride with most violence, so that it is bare and clear of vegetation, is called Yacamiaba" (*Yacamí*, the Tupí name of the Trumpeter bird or Agamí; *Aba* or *awa*, people).

<sup>1</sup> Cayley's *Life of Raleigh*, pp. 194-195.

When I read this account of Acuña's, some years after I had left the Amazon, I was struck with the connection of the name of the hill Yacamiaba with that of an Indian dance I had seen on the Upper Amazon in 1851. The dance was called Yacamícuñiá (Agami woman), and the performers in it moved to the rude music of a pipe and tambour; and to the words of a song, which I unfortunately neglected to take down at the time. A lot of young people joined hands to form a ring, in which males and females alternated, and danced round and round, singing the song of the Yacamí. At the words "Yacamícuñiá-cuñiá!" the ring suddenly broke up the partners turned tail to tail and bumped each other repeatedly, with such goodwill that one or the two (and as often the man as the woman) was frequently sent reeling across the room, amidst the uproarious laughter of the bystanders. The Yacamís or Agamís are, as is well known, birds without any tail-feathers,

vez, indicados pelo nome no relato de Raleigh. Nós temos o relato mais completo do rio e do distrito de Cunurís e das tradições existentes a respeito das amazonas, na descrição de Acuña de sua viagem pela Amazônia em 1639. Ele menciona quatro povos que vivem no rio Cunurís, os Cunurís (índios) sendo os mais próximos da foz, e os Guacarás os mais ao alto; depois, para além desses, estavam as amazonas. "Essas mulheres masculinizadas," diz ele, "têm residência em grandes florestas e em elevadas colinas, dentre as quais está a que se eleva acima das demais, e é, portanto, espancada pelos ventos com a maior violência, por sua altivez, de modo a ficar nua e sem vegetação, chamada de Yacamiaba" (*yacamí*, o nome tupi para pássaro trompetista ou agami; *aba* ou *awa*, pessoa, povo ou índio).

<sup>1</sup> *Vida de Raleigh*, de Cayley, pp. 194-195.

Quando li o relato de Acuña, anos após ter deixado a Amazônia, fiquei impressionado com a relação do nome do morro Yacamiaba com o nome de uma dança indígena que tinha visto no Alto Amazonas em 1851. A dança se chamava Yacamícuñiá (mulher agami), e os dançarinos se moviam ao som rude de uma flauta e de um tambor, e de acordo com a letra de uma canção, que, infelizmente, eu não anotei na época. Muitos jovens davam as mãos para formar um círculo, no qual os do sexo masculino e feminino se alternavam, e dançavam dando voltas e voltas, cantando a canção Yacamí. Ao ouvir "Yacamícuñiá-cuñiá!", o círculo de repente se abriu e os parceiros deram as costas e esbarraram uns nos outros repetidamente, com tanta vontade que um deles (e na mesma frequência homem e mulher) era atirado cambaleando pelo local, ao som das gargalhadas dos espectadores. Os yacamís ou agamís são, como conhecido, pássaros sem penas na cauda, que

those appendages having disappeared from the birds continually rubbing their sterns together – so, at least, says Indian tradition, which has been embodied in the dance; and it is easy to understand its application to a rocky hill, shaggy below with woods, bare at the summit, such as I have seen many in both Brazilian and Spanish Guayana. May not also both the names, Yacamí-women and Yacamí-people, allude to the women living alone?

Van Heuvel met with a Caribi chief at the head of the river Essequibo, who, when asked about the nation of women, said “he had not seen them, but had heard his father and others speak of them. That they live on the Wasa [the Ouassa of the French maps, a tributary of the Oyapock]. Their place of abode is surrounded with large rocks, and the entrance is through a rock” (*El Dorado*, p. 124).

Condamine was informed by a soldier in the garrison of Cayenne, that in 1726 he had accompanied a detachment which was sent to explore the interior of the country; in pursuance of which object they had penetrated to the country of the Amicouanes, a long-eared people, who dwell beyond the sources of the Oyapock, near to where another river takes its rise that falls into the Amazon [the Oyapock falling into the Atlantic in lat. about 4 N.]. The country lies high, and none of the rivers are navigable. There the soldier had seen on the necks of the women and girls certain green stones, which the Indians said they obtained from the women who had no husbands (*Voyage*, p. 102).

desapareceram continuamente dos pássaros por se esfregarem uns nos outros, pelo menos é o que diz a tradição indígena, que foi incorporada na dança; e é fácil entender sua aplicação para uma colina rochosa, cheia de vegetação abaixo com bosques, nua no cume, como vi muitas nas Guianas brasileira e espanhola. Podem ambos os nomes, mulheres Yacamís e povo Yacamí, aludir às mulheres que vivem sozinhas?

Van Heuvel encontrou-se com um chefe Caribi na cabeceira do rio Essequibo que, ao ser questionado sobre o povoado das mulheres, respondeu que “não as tinha visto, mas tinha ouvido seu pai e outros falarem a respeito delas. Que elas vivem no Wasa [Ouassa no mapa francês, um afluente do rio Oiapoque]. A morada delas é cercada por grandes pedras e a entrada é através de uma rocha” (*El Dorado*, p. 124).

Condamine foi informado por um soldado da guarnição caiena que em 1726 ele havia acompanhado um destacamento enviado para explorar o interior da região; em tal busca, penetraram a região dos Amicouanes, um povo de orelhas longas que vive além das nascentes do Oiapoque, perto de onde nasce outro rio que deságua no Amazonas [o Oiapoque deságua no Atlântico em lat. aproximadamente 4 N.]. A região é alta e nenhum dos rios é navegável. Naquele local, o soldado viu certas pedras verdes no pescoço das mulheres e meninas, e os índios disseram que ganharam as pedras das mulheres que não tinham maridos (*Voyage*, p. 102).

We have mention of the long-eared folk, and of the same kind of savage rocky country as all tradition assigns to the abiding-place of the Amazons, in Unton Fisher's relation of his voyage up the Mariwin (Marony). "The passage to the head of the Mariwin, from the men with long ears (which is the thirteenth town from the mouth), is very dangerous, by reason of the passage through hollow and concave rocks, wherein harbour bats of unreasonable bigness, which, with their claws and wings, do wound the passengers shrewdly; yea, and oftentimes deprive them of life." <sup>1</sup>

<sup>1</sup> The whole of this curious relation is given in Purchas's *Collection of Voyages*, Bk. vi. ch. xvii., and is placed immediately after that of the voyage made by Robert Harcourt to Guayana in 1608. Purchas says of it: "I found this fairly written among Mr. Hakluyt's papers, but know not who was the author." But Van Heuvel adduces ample proof of its having been written by Fisher, cousin of Harcourt, whom the latter left behind him at the third town on the Mariwin, with instructions to complete the exploration of the river, which he himself had unsuccessfully attempted.

Van Heuvel cites various accounts which he found still current in Guayana, all tending to collocate the warlike women on a site just beyond the sources of the Essequibo, Marony, and Oyapock, which lie apparently very near to each other, and also to the sources of the Trombetas and Nhamundá, the two latter rivers running in a contrary direction to the three former, *i.e.* southwards, or towards the Amazon.

I might adduce a great deal more evidence to show the universality of the traditions in Tropical America of a nation of women, whose permanent habitation was from 1° to 2° north of the Equator, and in long. 54° to 58° W.; and

Temos menção do povo de orelhas longas e do mesmo tipo de região selvagem e rochosa como toda tradição atribui à morada das amazonas, no relato de Unton Fisher de sua viagem acima do Mariwin (Marony). "A passagem para a cabeceira do Mariwin dos homens de orelhas longas (que é a décima terceira cidade/vila a partir da foz), é muito perigosa, devido à passagem através de rochas ocas e côncavas, que abrigam morcegos enormes que, com suas garras e asas, ferem astutamente aqueles que passam no local; sim, e muitas vezes tiram suas vidas." <sup>1</sup>

<sup>1</sup> O todo deste curioso relato é apresentado na *Collection of Voyages*, de Purchas, Bk. vi. ch. xvii., e está localizado imediatamente após o relato da viagem feita por Robert Harcourt para a Guiana em 1608. Purchas diz sobre isso: "Eu encontrei isto claramente escrito entre os papéis do Sr. Hakluyt, mas não sei quem foi o autor." Mas Van Heuvel apresenta ampla prova de que foi escrito por Fisher, primo de Harcourt, quem este último deixou para trás na terceira vila no Mariwin, com instruções para completar a exploração do rio que ele próprio havia tentado sem sucesso.

Van Heuvel cita vários relatos que considerou ainda atuais na Guiana, todos tendendo a colocar as mulheres guerreiras em um local logo além das nascentes dos rios Essequibo, Marony e Oyapoque, que, aparentemente, ficam muito próximas uma da outra, também estando próximas às nascentes dos rios Trombetas e Nhamundá, que correm em direção contrária aos três primeiros, ou seja, para o sul ou em direção ao Amazonas.

Seria possível apresentar muito mais evidências para mostrar a universalidade das tradições na América Tropical de um povoado de mulheres, cuja residência permanente ficava de 1° a 2° ao norte do Equador e em longitude de 54° a 58° O.; e cujo encontro anual com seus amantes

whose annual rendezvous with their lovers was held on a site in lat. about 5° S., long. 65° W.

Those traditions must have had some foundation in fact, and they appear to me inseparably connected with the traditions of El Dorado. I think I have read nearly all that has been written about the Gilded King and his city and country; and, comparing it with my own South American experience, I can hardly doubt that that country was Peru – possibly combined (or confused) with Mexico. The lake called the Mansion of the Sun, because the sun sank into it, is plainly the Pacific Ocean; but some accounts seem to point to Lake Titicaca, and others to the lakes of Mexico; probably the general notion of such lake was made up of all three. It is scarcely necessary to remind the reader that most Indian nations call the ocean and a lake (and in some cases even a river) by one and the same name. The confusion of town (or city) and country is also universal among them. I have been gravely told by a Jibaro Indian in the Andes that France and England were two towns, standing on opposite banks of a river, the people on the left bank being Christians and those on the right heathens: a piece of ethnology derived from the teaching of Catholic missionaries, and not at all flattering to myself as an Englishman.

I think I can trace the progress of the fame of the riches of Peru quite across South America, to the Atlantic coast and islands, whence it surged back into the interior, so disguised and disfigured, that the Spaniards did not recognise it as indicating an El Dorado with which they were already familiar. Now the accounts of the real El Dorado of Peru (and of Mexico) would infallibly be accompanied by others of the Vestal communities dedicated to the worship of the sun, *i.e.* of women living alone, or women without husbands. If we deny the existence of a

acontecida em um local em latitude aproximada de 5° S., longitude 65° O.

Essas tradições devem ter tido algum fundamento, de fato, e parecem estar inseparavelmente ligadas às tradições do El Dorado. Acho que li quase tudo que foi escrito sobre o Rei Dourado e sua cidade e país; e, comparando-a com a minha experiência sul-americana, dificilmente posso duvidar que aquele país era o Peru - possivelmente combinado (ou confundido) com o México. O lago é chamado de Mansão do Sol, porque o sol mergulhava nele, é claramente o Oceano Pacífico; mas alguns relatos parecem apontar para o Lago Titicaca, e outros para os lagos do México; provavelmente, a noção geral de tal lago era composta de todos os três. Não é necessário lembrar ao leitor que a maioria das nações indígenas chama o oceano e um lago (e em alguns casos mesmo um rio) pelo mesmo nome. A confusão de vila (ou cidade) e região também é universal entre eles. Fui severamente informado por um índio jibaro, nos Andes, que a França e a Inglaterra eram duas cidades situadas em margens opostas de um rio, as pessoas na margem esquerda sendo cristãs e as da margem direita, pagãs: uma parte da etnologia derivada do ensino de missionários católicos, e nada lisonjeiro para mim mesmo, como um inglês.

Acho que eu posso traçar o progresso da fama das riquezas do Peru pela América do Sul para a costa atlântica e ilhas, de onde voltou para o interior, tão disfarçado e desfigurado que os espanhóis não o reconheceram como indicativo do El Dorado com o qual eles já estavam familiarizados. Agora os relatos do El Dorado do Peru (e do México) seriam infalivelmente acompanhados por outros das comunidades vestais dedicadas ao culto do sol, ou seja, das mulheres que viviam sozinhas, ou mulheres sem maridos. Se negarmos a existência de um povo,

nation, or nations, of warlike women on the Amazon, then the tradition could only have had its origin in the Virgins of the Sun; and some accounts, such as that of Cabeza de Vega and Ribeiro, possibly point to them alone. But if we concede the fact of the existence of these warlike women, then may not the latter have been originally a community of Vestals, who, having fled in a body from their nunnery, carrying with them their ornaments of gold and green stones, established themselves in the forests of the plain? Or they may have accompanied one of those emigrations, led by chieftains who had revolted from the rule of the Inca, of which we read in the early historians. In either case they were probably at first respected by neighbouring savage tribes as a religious community; and they would gradually learn the use of the bow and other weapons, more as implements of the chase than of offence and defence; for we do not read that they were ever assaulted by other Indians. I put forward this as mere conjecture, my object in what precedes having been principally to vindicate the earlier travellers and historians, Spanish and English, from the charges of gross credulity, or even wilful falsehood, which have been wantonly brought against them. Is it to be wondered at that unlettered, or at best imperfectly educated, adventurers should have believed, and repeated as true, nearly every report they heard, when we find a man of so philosophic a turn of mind as Raleigh telling the most extravagant tales just as they were told to him, no doubt, and not adding anything thereto, yet evidently believing them himself in the main?

No one has declared his convictions of the existence of a nation of Amazons more forcibly and eloquently than Acuña, and, without endorsing them fully myself, I close this long

ou povos, de mulheres guerreiras na Amazônia, então a tradição poderia apenas ter tido sua origem nas Virgens do Sol; e alguns relatos, como o de Cabeza de Vega e Ribeiro, possivelmente, apontam apenas para elas. Mas se admitimos o fato da existência das mulheres guerreiras, então elas podem não ter sido originalmente uma comunidade de vestais que, tendo fugido em grupo de um convento, carregando com elas seus ornamentos de ouro e pedras verdes, estabeleceram-se nas florestas da planície? Ou talvez elas tenham seguido uma das emigrações, lideradas por chefes que se revoltaram contra o domínio dos incas, sobre o qual lemos nos primeiros historiadores. Em qualquer um dos casos, elas foram primeiramente respeitadas pelas tribos selvagens vizinhas como uma comunidade religiosa, e aprenderiam, gradualmente, a usar o arco e outras armas mais como instrumentos de caça do que como ataque e defesa, pois não lemos a respeito delas terem sido atacadas por outros indígenas. Trago este fato apenas como conjectura, e meu objetivo no que precede foi, especialmente, defender o ponto dos primeiros viajantes e historiadores, espanhóis e ingleses, das acusações de total credulidade, ou até de falsidade intencional, trazidas contra eles sem justificativa. É de se admirar que aventureiros iletrados, ou, na melhor das hipóteses, de educação questionável, tenham acreditado e repetido como verdadeiros quase todos os relatos que ouviram, quando encontramos um homem com uma mentalidade tão filosófica como Raleigh, contando as histórias mais esdrúxulas, exatamente como foram contadas a ele, sem dúvida, e sem acrescentar nada, ele mesmo acreditando no principal delas?

Ninguém declarou suas convicções sobre a existência de uma nação de amazonas de forma mais vigorosa e eloquente do que Acuña, e sem eu mesmo endossá-las completamente, encerro

digression with his own words, recommending them to the candid consideration of my readers:

----

“The proofs that give assurance that there is a province of the Amazons on the banks of this river are so strong and convincing that it would be renouncing moral certainty to scruple giving credit to it. I do not build upon the solemn examinations of the sovereign court of Quito, in which many witnesses were heard, who were born in these parts and lived there a long time, and who, of all matters relating to the countries bordering on Peru, as one of the principal, particularly affirmed that one of the provinces near the Amazon is peopled with a sort of warlike women, who live together and maintain their company alone, without the company of men; but at certain seasons of the year seek their society to perpetuate their race. Nor will I insist on other information, obtained in the new kingdom of Grenada, in the royal city of Pasto, where several Indians were examined; but I cannot conceal what I have heard with my own ears, and concerning the truth of which I have been making inquiries from my first embarking on the Amazon; and am compelled to say that I have been informed at all the Indian towns in which I have been, that there are such women in the country, and every one gave me an account of them by marks so exactly agreeing with that which I received from others, that it must needs be that the greatest falsehood in the world passes through all America for one of the most certain histories.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Voyages and Discoveries in South America*, by Christopher d’Acugna, London, 1698.

essa longa digressão com suas próprias palavras, recomendando-as a atenta reflexão dos leitores:

-----

“As provas que confirmam a existência de uma província de amazonas nas margens do rio Amazonas são tão fortes e convincentes que seria renunciar à certeza moral ter escrúpulos em dar crédito à tal negação. Não me baseio em interrogatórios solenes do tribunal soberano de Quito, no qual várias testemunhas, que nasceram nessas localidades e lá viveram por muito tempo, foram ouvidas, e que, de todos os assuntos sobre os países fronteiriços ao Peru, como um dos principais, afirmou particularmente que uma das províncias próxima à Amazônia é povoada por um tipo de mulheres guerreiras, que vivem juntas e se mantêm sozinhas, sem a companhia de homens; mas, em certas estações do ano, procuram a sociedade deles para perpetuar a raça. Também não vou insistir na informação obtida no novo reino de Granada, na cidade real de Pasto, onde vários indígenas foram interrogados; mas não posso esconder o que ouvi com meus próprios ouvidos, e sobre a verdade pela qual eu sigo questionando desde o meu primeiro embarque no Amazonas; e sou obrigado a dizer que fui informado em todas as cidades indígenas em que estive que existem tais mulheres no país e cada uma delas me deu um relato sobre elas com notas que concordam exatamente com as que recebi de outros, que deve ser necessário que a maior mentira do mundo passe por toda a América como uma das histórias mais corretas.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Voyages and Discoveries in South America*, por Christopher d’Acugna, Londres, 1698.

## Referências

Spruce, R. (1908). The warlike women of the Amazon: a historical study. In Richard. Spruce. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*, 2. (pp. 456-473). Macmillan and Co, Ltd.





**Disponível em:**

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=731981935027>

Como citar este artigo

Número completo

Mais informações do artigo

Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe,  
Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no  
âmbito da iniciativa acesso aberto

Richard Spruce, Sinara de Oliveira Branco,  
Marília Bezerra Cacho

**As mulheres guerreiras da Amazônia: um estudo histórico**  
**The warlike women of the Amazon: a historical study**

*Cadernos de Tradução*

vol. 44, núm. 4, Esp. e104189, 2024

Universidade Federal de Santa Catarina,

**ISSN:** 1414-526X

**ISSN-E:** 2175-7968

**DOI:** <https://doi.org/10.5007/2175-7968-2024-e104189>